

**EDUCAÇÃO INFANTIL E A MATRIZ CURRICULAR:
PROPOSTA RESSIGNIFICADA A PARTIR DO PARADIGMA EMERGENTE, DA
TRANSDISCIPLINARIDADE E DO PENSAMENTO COMPLEXO**

*Ludilene Clarice de OLIVEIRA
Lindalva Pessoni SANTOS*

GT 1 – Inter e Transdisciplinaridade na Educação

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar um relato de experiência vivenciado a partir de concepções e práticas pedagógicas trabalhadas e analisadas no Curso de Especialização em transdisciplinaridade e interdisciplinaridade na educação, oferecido pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas. Este curso fomentou reflexões relativas ao paradigma emergente e uma proposta pedagógica pautada na transdisciplinaridade e pensamento complexo. Desse modo, o artigo relata uma ação pedagógica vivenciada na escola Pedacinho do Céu, em 2014, e que, foi ressignificada em 2015 fundamentando-se nos princípios do paradigma emergente, na transdisciplinaridade e no pensamento complexo. Um trabalho em que, a partir da construção de uma horta em um determinado espaço da escola, vivenciou-se diversas outras atividades que possibilitaram experiências reflexivas, inovadoras e significativas para a crianças e toda comunidade escolar. Esta ação transcendeu e envolveu todos os membros da instituição e familiares das crianças levando-os a realização de atividades fundamentadas em uma ação pedagógica transdisciplinar em que envolvia saberes científicos e saberes populares, bem como desencadeou um processo de ressignificação e reestruturação do currículo da escola. Para dar respaldo a essa relato dialogou-se com autores que, na elaboração de suas teorias, estão provocando uma ruptura com o antigo paradigma como Moraes (2003, 2008, 2014), Suanno (2014), Nicolescu (1999), entre outros.

Palavras-chave: Educação infantil. Novo Paradigma. Mudanças Curriculares.

Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar um relato de experiência vivenciado a partir de concepções e práticas pedagógicas pensadas e analisadas no Curso de Especialização em transdisciplinaridade e interdisciplinaridade na educação, oferecido pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Inhumas.

A realização do curso nos levou a reflexões relativas ao paradigma emergente: uma proposta pedagógica pautada na transdisciplinaridade e o pensamento complexo.

Para Nicolescu (1999, p. 53):

A transdisciplinaridade, como o prefixo trans indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, por meio das diferentes disciplinas e mais além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Os fundamentos desse paradigma emergente nos fez perceber que o pensamento complexo pode colaborar para as transformações necessárias em relação a este novo perfil docente, que precisa compreender e lidar com a realidade imprevisível. Desse modo, é preciso aceitar a presença do incerto que faz parte do trabalho principalmente no campo educacional onde, diariamente, lidamos com crianças pequenas que requerem muita atenção e dedicação.

As reflexões realizadas durante o curso de especialização nos proporcionaram outro olhar a respeito da docência, outras possibilidades, tendo em vista que nos levou a pensar com mais sensibilidade e a nos colocar no lugar dos educandos; e, por meio desse novo olhar tivemos a certeza de que é possível influenciar o futuro de cada um deles.

A mudança de postura a partir da especialização nos incitou a vislumbrar e sonhar com uma educação melhor em que os profissionais trabalhem com mais entusiasmo priorizando a aprendizagem e desenvolvimento de seus alunos e não apenas cumprindo com um plano vago e sem sentido.

Desse modo, convém esclarecer que este relato de experiência mostra como as reflexões advindas do curso de especialização influenciaram na mudança de prática de uma das autoras deste artigo. Trata-se de uma ação pedagógica vivenciada na escola Pedacinho do Céu, em 2014, e que, foi ressignificada em 2015 fundamentando-se nos princípios deste novo paradigma. Um trabalho em que, a partir da construção de uma horta em um determinado espaço da escola, vivenciamos diversas outras atividades que nos possibilitou experiências reflexivas e inovadoras, bem como um processo de ressignificação e reestruturação do currículo da escola.

Novas concepções, novas possibilidades

O Curso de Especialização em transdisciplinaridade e interdisciplinaridade na educação foi estruturado em treze Eixos¹ de 30 horas cada um, que se articulam entre conceitos e práticas. Durante a realização da especialização vimos que o ser humano se constrói como sujeito e autor de sua existência em meio a um complexo processo que exige

¹Para maiores informações consultar: SUANNO, Marilza Vanessa Rosa (et. al). Projeto de Especialização em interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. UEG, Câmpus Inhumas, 2014.

autoconsciência. A oportunidade de escolher e experimentar caminhos novos são fundamentais, pois precisamos nos conscientizar e perceber que é na escola que vivenciamos a diversidade e aprendemos a contextualizar o conhecimento, desenvolvendo competências que irão nos tornar capazes de intervir na realidade para transformá-la.

Uma experiência enriquecedora cria condições favoráveis para que se estabeleçam diálogos abertos e os alunos experimentem a liberdade de opinar e expressar suas ideias com autoconfiança. Nesse sentido, acreditamos que seja possível pensar na realização de um mundo de bem-estar, em que as pessoas serão mais felizes e que os princípios e fundamentos do paradigma emergente podem começar em qualquer lugar; só precisa de pessoas que acreditem que é possível uma nova perspectiva de ser e estar no mundo.

Vimos, durante nossa trajetória, um novo paradigma emergir das aulas do Curso de Especialização e as certezas e verdades absolutas entraram em crise. Esta nova proposta, busca resgatar o ser humano numa visão de totalidade como um ser que aprende, atua e constrói conhecimento não só utilizando seu lado racional, mas todas as dimensões humanas: afetiva, cognitiva, espiritual. Esse novo arcabouço teórico, que ampara o paradigma emergente, fundamenta as reflexões e as mudanças desencadeadas na escola. Sobre este assunto, Moraes (2014) esclarece que na educação é necessário considerar, a partir da inteireza humana, as especificidades de cada ser.

Pensando nestas questões, buscamos, durante a realização da experiência com nossos alunos, criar um ambiente diferente em que os conteúdos pudessem ser melhor compreendidos e que houvesse uma melhor participação deles. Percebemos que o ambiente colaborativo promove uma nova perspectiva de ensino e aprendizagem a partir de diferentes níveis de percepção e os níveis de realidade que os alunos apresentam por meio do seu contexto.

Desse modo, o trabalho de cultivo da horta, na escola, foi repensado e reinventado para que pudessemos atingir os objetivos desejados, especialmente no que se refere ao resgate e incentivo da curiosidade e participação de cada um. Trabalhando de uma forma colaborativa para que fossemos autores do saber conviver, fazer e aprender. Segundo Moraes (2003, p.50) “conviver implica a aceitação do outro em seu legítimo outro. E isto requer respeito às diferenças, a diversidade, a multiculturalidade e pressupõe a existência de amorosidade, compaixão e solidariedade nas relações entre todos os seres”.

Nesse sentido, fomos percebendo a necessidade de ressignificar o processo de ensinar e aprender e de nossa proposta curricular, pois possibilitaria aos nossos alunos estabelecer conexões e relações entre os conhecimentos produzidos por eles. O rompimento com o currículo tradicional da escola favoreceu a abertura para um trabalho mais dinâmico em que as disciplinas não fossem mais fragmentadas, dando lugar a nova forma de trabalho a partir de projetos que tiveram como objetivos acabar com o monopólio do professor tradicional que define o conteúdo e as tarefas a serem desenvolvidas. Assim como Moraes (2008, p. 176) nós também nos questionávamos: “O que significa assumir um currículo numa perspectiva de complexidade? Que implicações decorrem em relação às formas alternativas de organização escolar? [...]”.

A experiência inicial e os primeiros passos rumo à filiação a um novo paradigma

A ideia de plantar as cenouras, em uma determinada área da escola, na páscoa nos permitiu aproveitar um espaço que até então era abandonado e transformá-lo em um ambiente rico em aprendizagens. Levando em consideração que as crianças passam uma grande parte de sua vida na escola tentamos aproveitar esse momento de interação e descobertas como uma nova forma de conhecer novas plantas e microrganismos.

Com o cultivo da horta desencadeou novas possibilidades que fizeram com que as crianças ficassem mais interessadas no manejo da terra, plantio e cuidados com a horta. A partir desse interesse fomos percebendo que poderíamos ir além do cultivo de legumes e vegetais e que poderíamos fazer da horta um instrumento pedagógico em que poderíamos aproximar os conteúdos trabalhados no currículo mais próximo da realidade. Todas as professoras das séries iniciais abraçaram a ideia e a prática de cultivo foi sendo vivenciada na sala de aula por meio dos conteúdos que poderíamos trabalhar com as crianças.

Para começar esse processo de mudança, alguns questionamentos permearam nossas reflexões: será que possibilitaríamos aos alunos um aprendizado de trocas e com experiências enriquecedoras? Será que o cultivo de uma horta poderia levar as crianças a pensarem em um mundo mais harmonioso? Será que conseguiríamos trazer a inter e a transdisciplinaridade para a prática durante a realização desta proposta?

Esse desafio nos fez buscar formas e estratégias para desenvolver um trabalho de qualidade em que os alunos pudessem participar e serem autores dessa nova proposta.

Nesse sentido, notamos que nossos questionamentos e a perspectiva de trabalhar subsidiados por um novo paradigma nos instigaram pensar em novas propostas curriculares que enfatizem a tessitura comum entre indivíduo, sociedade e natureza (MORAES, 2008). Uma nova agenda educativa emergia de nossos questionamentos.

No momento da colheita, vimos que um dos alunos queria comer a cenoura do coelho da páscoa. Diante disso, organizamos uma roda de conversa com a turma, fizemos a higienização do legume e algumas crianças experimentaram o alimento colhido.

Após este momento, discutimos se poderíamos fazer um bolo utilizando a cenoura. A ideia do bolo foi colocada no plano semanal e durante toda a semana trabalhamos diversas atividades relacionadas ao legume: em linguagem oral, um poema destacando as vogais; em matemática, os números; em artes visuais as cores da cenoura; e, finalmente, sexta-feira, fomos para o refeitório para fazermos o bolo.

Notamos que as crianças estavam ansiosas com a novidade. Ao final do dia cada um levou para casa um pedaço do bolo da “cenoura do coelhinho”. Os pais ficaram encantados com o entusiasmo das crianças, e alguns deles foram até a escola conhecer a horta que os filhos tanto comentavam.

Promover atividades ricas em aprendizagens e que proporcionam à criança prazer em aprender é fundamental para o seu desenvolvimento. Estimular a imaginação faz com que o processo de ensino e aprendizagem se torne favorável e prazeroso. As crianças estavam apreciando cada vez mais os momentos de cultivo da horta que permitam que elas aproveitassem o espaço amplo em que elas podiam se movimentar, experimentar o contato direto com a natureza além da socialização e o contato com os colegas.

Diante dos resultados da receita e do cultivo dos legumes, organizamos uma visita da nutricionista que elabora o cardápio da escola para explicar melhor a importância da alimentação saudável e os benefícios dos alimentos para nossa saúde. Foi uma visita de trocas entre as crianças, as informações e explicações dadas pela nutricionista foram permitindo que elas se envolvessem no processo de construção do conhecimento e associando a prática vivenciada por eles.

Esse processo de novas possibilidades fortalece ainda mais o sentido da busca por um outro paradigma na forma de compreender o mundo, rompendo barreiras com intuito de superar essa fragmentação do conhecimento e de conceitos.

O ato criativo, a própria criação, a fruição estética, a experiência artística são instâncias da integração transdisciplinar, por promover a conexão entre o conhecimento, o sentimento e a imaginação, permitindo que os sujeitos se elevem a horizontes novos, mais ricos de sentidos, sensibilidade, potencializando a percepção humana sobre a realidade e favorecendo a conexão entre a razão e a emoção (SUANNO, 2014, p.121).

A parceria da equipe escolar fez com que iniciássemos com as crianças um novo trabalho, iríamos desenvolver com elas atividades de culinária. Embora toda a equipe não conhecesse a proposta do paradigma emergente que estávamos conhecendo durante o Curso de Especialização, notamos que o compromisso dos mesmos ao perceber o envolvimento das crianças, foi fundamental para que pudéssemos realizar todas as atividades que propusemos como parte desta experiência.

Embora pensar complexo exija muita reflexão e abertura para o desconhecido, a equipe estava engatinhando para mudar a forma de pensar e trabalhar os conteúdos e a nossa percepção foi nos mostrando que a educação não deve ser vista simplesmente como um serviço prestado para o mercado, mas pelo contrário, estávamos diante de crianças que precisavam ser vistas como seres de direitos e que necessitam de uma aprendizagem que garanta competência e formação cidadã e nessa perspectiva favoreça a reforma de pensamento tão desejada por Morin (2011).

Morin (2011) destaca que cabe a nós professores construir uma educação que privilegie e garanta qualidade aos nossos alunos, pois estamos diante de políticas públicas com pensamentos reducionistas e que não têm nenhum compromisso com as questões educacionais. Precisamos buscar um currículo educativo que possibilite a integração e não exclusão. Nessa perspectiva, Moraes (2008) destaca que precisamos de um currículo vivo, em ação, em que tudo está em processo. Para este autor, “é, portanto, um currículo aberto à vida, em constante movimento. Um currículo contextualizado, inacabado, em que cada final é sempre oportunidade para um novo começo [...]” (MORAES, 2008, p. 197).

A nossa realidade é indeterminada e constituída por fatores imprevisíveis que podem influenciar qualquer ambiente de aprendizagem. Vivemos em uma realidade multidimensional em que tudo está ligado em constante mudança e o reconhecimento dessas múltiplas realidades é que permite que a construção do conhecimento possibilite propostas que façam sentido e que permitam que cada um consiga construir seu significado.

E, pensando nessa imprevisibilidade, que o currículo não pode continuar com verdades prontas e acabadas, construído e fundado na estabilidade e na ordem. Desta forma,

acreditamos que o pensamento complexo e transdisciplinar vêm nos despertar para uma nova proposta em que não existe certo ou errado, exigindo dos educadores novas percepções, mudanças e transformações. Segundo Moraes (2008) um currículo de concepção mais tradicional sempre priorizou as relações binárias do tipo certo/errado, teoria/prática, corpo/mente, científico/não científico, entre outros. Para autora:

Currículo é, portanto, um instrumento de concretização do projeto referencial da escola. Um documento de organização do trabalho educacional e um veículo que materializa ou não um referencial importante de mudança. Com base nele é que as escolhas, os caminhos, os percursos de várias gerações são traçados e vivenciados no cotidiano escolar. (MORAIS, 2008, p.176)

Acreditamos que promover as atividades de culinária com as crianças foi o primeiro passo para estas mudanças, uma vez que permitiu que os professores se unissem para pensar no trabalho e num processo que nos revelaria que a complexidade traz consigo mecanismos de intercâmbios, trocas e aprendizagens. Com essa perspectiva de trabalho foi sendo introduzido no ambiente escolar a proposta de ensinar por meio de projetos em que as disciplinas foram sendo eliminadas e os conteúdos integrados.

O princípio do trabalho com o projeto *Viajando pelo meio ambiente na arca de Noé* proporcionou aos alunos experiências e possibilidades na qual eles podiam participar a todo o momento. Essa nova forma de trabalhar possibilitava que eles tivessem mais contato com o meio ambiente, além de trabalhar o tema integrando vários conteúdos.

Outro aspecto importante na atuação dos professores em trabalhar com projeto foi propiciar o estabelecimento de relações interpessoais entre os alunos e respectivas dinâmicas sociais, valores e crenças do próprio contexto em que vivem.

O trabalho com projeto requer mudanças nas concepções de ensino e aprendizagem e, conseqüentemente, na postura do professor. Hernández (1988, p. 49) enfatiza que o trabalho por “projetos não deve ser visto como uma opção puramente metodológica, mas como uma maneira de repensar a função da escola”. Essa compreensão nos ajuda a compreender que o projeto é um instrumento de auxílio para lidar com a complexidade que envolve a realidade de sala de aula e do contexto escolar.

As implicações do paradigma emergente no fazer pedagógico

O trabalho desenvolvido com os alunos exigia que pensássemos na complexidade dos processos cognitivos e emocionais. As implicações do novo paradigma nas práticas educativas segundo Moraes (2014, p. 25) nos alerta que [...] é preciso que a discussão paradigmática alimente as práticas institucionais no sentido de consolidar reformas programáticas capazes de serem levadas adiante.” Para isso é preciso estar atento ao modelo de formação e de acordo com esse novo referencial pressupõe continuidade, visão de processo, buscando, não um produto completamente pronto e acabado, mas uma nova base para aprender e agir.

Nesse sentido, Moraes (2003) propõe abandonar uma abordagem pedagógica tradicional, que enfatiza a transmissão, a cópia da cópia, em que conteúdos e informações são passados diretamente do professor para o aluno, mediante um processo reprodutivo. Para esta autora, é possível criar uma situação educacional por meio de uma pedagogia ativa, criativa, dinâmica, encorajadora, apoiada na descoberta, na investigação e no diálogo, almejando uma educação libertadora, que busca a transcendência do indivíduo e um sistema aberto que enfatiza a consciência de inter-relação e interdependência dos fenômenos, a partir dos processos de reconhecimentos da mudanças, de intercâmbio, de renovação contínua, criatividade natural e complementaridade.

As considerações desta autora vão ao encontro das reflexões apresentadas por Freire (1983), por meio das quais enfatiza a necessidade de o professor se portar de forma dialógica junto aos educandos. Para o autor, é preciso abandonar esta abordagem em que o professor é o detentor do conhecimento e os alunos apenas o recebe.

Comparando-se os paradigmas, segundo Moraes (2003), podemos destacar que no tradicional o professor tem um compromisso com o passado, com as coisas que não podem ser esquecidas e no paradigma emergente, o professor tem um compromisso com o futuro, no presente da sala de aula.

Nessa interação entre o trabalho do professor e a necessidade do aluno, percebemos as influências do velho paradigma, sob o qual, Moraes (2003) destaca que as escolas continuam limitando as crianças e a impedindo-as de se movimentar e até mesmo de pensar e sentir. Assim, ao invés de processos interativos, as escolas continuam exigindo memorização, repetição, num sistema de hierarquia e autoritarismo e não percebem as mudanças que vem ocorrendo ao seu redor.

Nossa preocupação com o plantio da horta era proporcionar uma experiência significativa aos alunos, fazer com que a prática que estávamos vivenciando pudesse fazer sentido na vida deles e os recursos e a forma de ensinar resultassem em uma melhor compreensão das práticas que estávamos vivenciando e que tivessem presentes em seu dia a dia.

Este trabalho possibilitou-nos muitos desafios. Percebemos que o processo de interação era bastante complexo, pois envolvia não só uma aula, mas novas concepções e novas práticas. Isso nos motivava a ampliar as atividades no sentido de vivenciar uma prática transdisciplinar, um pensamento complexo tendo em vista as reflexões advindas do Curso de Especialização do qual participávamos naquele período.

As implicações dessa forma de pensar e agir fez com que fosse possível pensar a partir de uma nova lógica, por meio da qual, aprendemos a dialogar com as novas emergências e a questionar nossas estruturas de pensamentos além de rever o quanto é importante nos sensibilizarmos para uma visão mais aberta.

A quebra do paradigma tradicional foi o início de um processo que demandava outros saberes e fazeres, como nos adverte Moraes (2003) que sem esta transformação em nossa maneira de pensar, de sentir e agir; sem este cuidado; sem esta sensibilidade e o aprendizado da espera e da escuta mais sensível, ambas tão urgentes e necessárias; sem a amorosidade e a ternura habitando nossos corações, certamente não poderemos realizar aquilo que nos corresponde nesta vida. Desse modo, não poderíamos educar, não poderíamos impregnar de sentido o cotidiano da vida, não compreenderíamos a beleza de nossa profissão educadora.

A experiência possibilitou às crianças relacionarem o que aprendem na escola com as práticas que vivenciam no dia a dia com experiências anteriores e vivências pessoais do cotidiano. A abertura de um espaço que permitiu a participação do aluno na construção do conhecimento estimulou a aprendizagem além de criar um ambiente favorável onde os alunos puderam desenvolver atividades propostas com interesse e com uma postura mais desafiadora.

Um dos princípios trabalhados com as crianças foram os cuidados com o meio ambiente e a importância da coleta seletiva. Na ocasião, construímos, juntamente com as crianças, lixeiras específicas para que fizessem a separação do lixo produzido dentro da escola e, ao mesmo tempo, compreendessem que era necessário realizar esse processo em casa.

Desenvolvemos trabalhos com materiais recicláveis em que as crianças coletaram materiais que seriam descartados no lixo e mostramos para elas que aqueles materiais podem ser reaproveitados de inúmeras formas: as garrafas pets e caixas de leite poderiam ser usadas como vasos para cultivar a horta; as tampinhas usadas para trabalhos com as cores, sequência numérica.

Durante a realização desses trabalhos, enfatizamos e promovemos o trabalho em grupo, por meio dos quais realizamos oficinas para a construção de brinquedos com materiais recicláveis.

A realização destas oficinas permitiu-nos aproximar as famílias da escola, oportunizando a participação deles na aprendizagem dessas crianças. Vimos, por meio deste trabalho, o empenho de mães e avós na arrecadação de materiais recicláveis e na construção dos brinquedos.

Para realizarmos esses trabalhos, realizamos, quinzenalmente, reuniões para discutirmos e propor novas oficinas e metodologias pra trabalhar com o projeto. Todos os professores demonstraram grande interesse em participar das reuniões nas quais aconteciam trocas de experiências, ideias além do estudo de novas formas e propostas para levar à sala de aula.

Para Moraes (2008, p. 184):

Uma gestão curricular que privilegia o diálogo e, conseqüentemente, o que é dialógico valoriza a construção coletiva do conhecimento, a criação de cenários participativos, a descentralização dos processos, privilegiando a alteridade e o reconhecendo do outro em seu legítimo outro, como quer Maturama.

As aulas de culinária, a cada semana, influenciavam ainda mais a aprendizagem de nossas crianças, criando um ambiente de descontração e que instigava a curiosidade dos pequenos, pois permitiam que elas contribuíssem no preparo de cada receita. Um bom exemplo foi receita da pita que fizemos com os ovos da história “A Galinha do Vizinho” na qual trabalhamos vários conteúdos: construímos uma galinha de jornal e penas; trabalhamos a contagem oral e sequência numérica contando a quantidade de ovos; cantamos e discutimos a respeito da letra da música; conhecemos o ambiente que a galinha vive em natureza e sociedade, cuidados com os pintinhos que a galinha chocou e que deixou todas as crianças encantadas, trabalhamos as cores e as formas geométricas.

Para que essas mudanças de atitudes e comportamento acontecessem foi necessário muito diálogo e sensibilidade por parte dos professores, na compreensão de que essa nova forma de trabalhar é uma nova maneira de fazer com que o conhecimento pudesse fazer sentido na vida das crianças.

Algumas considerações

As experiências que relatamos neste trabalho partiram de duas vivências que se completaram: as aulas no Curso de Especialização intitulado Transdisciplinaridade e interdisciplinaridade na educação e as atividades desenvolvidas em uma escola. A união entre as reflexões realizadas no curso e a prática pedagógica, nos possibilitou um novo olhar sobre o fazer docente e a gestão curricular.

Neste trabalho, a construção da horta foi o ponto de partida para os novos desafios trazidos pelo paradigma emergente, que não é fácil, pois exige desconstrução e reconstrução das nossas certezas e um olhar mais sensível que exige que até mesmo as situações conflitantes possam se tornar experiências ricas em aprendizagens.

Temos vivenciado, diariamente, ações que permitem que a complexidade não seja apenas um conceito de um novo paradigma, mas sim como um fundamento que influencia e que se apresenta no cotidiano de nosso trabalho, buscando continuamente não perder de vista as relações complexas entre homem, natureza e sociedade.

Diante das questões apresentadas no Curso de Especialização intitulado *Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação*, buscamos aprofundar sobre os princípios fundamentais do paradigma emergente de forma a envolver os demais professores, possibilitando-nos rever a nossa prática e vislumbrar novos caminhos que desencadeiam ações docentes criativas e inovadoras.

Diante das questões supracitadas, surgem novos desafios no que concerne às novas formas de produção do conhecimento, com vistas a priorizar o diálogo entre as disciplinas e ramos do saber, numa perspectiva transdisciplinar. Esse novo desafio desencadeado pelo paradigma emergente faz com que a escola busque novos caminhos. Nesse sentido, é necessário desenvolver uma abordagem pedagógica que gere um ensino inovador, alternativo, flexível e colaborativo.

É possível vencer as dificuldades originárias de uma prática pedagógica disciplinar e buscar trabalhar na perspectiva transdisciplinar quando descobrimos que há novos caminhos para agir transformando ações velhas em práticas novas.

O presente relato de experiência vivenciado na escola se fundamentou nos princípios de um novo paradigma que tem desencadeado mudanças e transformações necessárias para aprofundar e conhecer novas possibilidades, principalmente na organização do currículo estabelecido pelo sistema de ensino que concebe os conteúdos simplesmente como disciplina de estudo. Em virtude de mudanças conceituais advindas do Curso da Pós graduação, ele torna-se mais integrado. O currículo não pode ser organizado baseando-se em conteúdos isolados, pois vivemos em um mundo complexo que não pode ser explicado por uma única área do conhecimento.

Referências

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. Campinas: SP: Papirus, 2003.

_____. Dimensão Metodológica e suas Implicações Educacionais. In: **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakarana/WHH – Willis Harman House, 2008.

_____. Educação e sustentabilidade. In: MORAES, M.C SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação**. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2014.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999. Tradução de: La trans disciplinarité: Manifeste, Éditions du Rocher, 1996; primeira publicação: Penguin Group, 1994.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Em busca da compreensão do conceito de transdisciplinaridade. In: MORAES, M.C. SUANNO, João Henrique. **O pensar complexo na educação**. Rio de Janeiro: Wark Editora, 2014.